

Arquitecturas de Reabilitação

"O TRIPEIRO" - Nº 12 Jan/Fev 95

Em 1994 completaram-se vinte anos de intervenção do CRUARB, assim chamado por ter sido criado com designação de Comissariado (do Governo) para a Renovação Urbana da Área Ribeira Barredo. Hoje não é comissariado do governo, mas sim um projecto municipal, com a responsabilidade de preservar e valorizar, não só a Ribeira e o Barredo, mas toda uma vasta área, maior que a compreendida dentro da Muralha Fernandina, abrangendo a freguesia de S. Nicolau e parte das freguesias da Sé, de Miragaia e da Vitória. Neste território, marcado pela história e pela geografia física e humana do sítio, tem sido renhida nos últimos vinte anos uma guerra constante contra a degradação, com combates cujo resultado ainda falta fazer. Ora cai um prédio ora se recupera outro, mas já começa a ruir mais um ao lado ou mais adiante.

O ponto de partida era o caos. Tudo estava profundamente atingido nas estruturas físicas e sociais quando o CRUARB começou a desenhar os seus projectos para o Barredo. A área estava tão mal das suas construções, da sua marginalidade, das suas doenças epidémicas, de tanta pobreza, que o destino traçado antes, até aos sessenta anos preconizava apenas o arrasamento, a eliminação radical dos seus fundamentos, e a construção no local de coisas novas para novas pessoas, novos hábitos e funções. Antes do CRUARB, o destino do Barredo seria para torres de habitação, áreas verdes, acesso mecânico e estacionamento dos automóveis. Parece inacreditável, mas poderíamos ter hoje no centro histórico uma Pastelaria ou um Aleixo. Chegaram a ser feitas demolições para isso. Felizmente não houve tempo e dinheiro para ir mais longe com tamanha malfeitoria.

Valeu ao Barredo ainda antes de vinte e cinco de Abril, o diagnóstico claro, coerente e pleno de sensibilidade do Arquitecto Fernando Távora, que registou as existências e as ameaças e apontou os caminhos a trilhar para a salvaguarda deste património que nos emociona pelo valor e riqueza estética, histórica, urbanística e social.

Valeu ainda a sensibilização de fornadas de estudantes de arquitectura e também de serviço social que aqui tiveram os primeiros contactos com a realidade, ainda como aprendizes.

Valeu a cultura internacional, que na Carta da Veneza realinou novos conceitos profundamente diferentes dos de Atenas, respondo o respeito pelo património e pelo seu contexto, em vez dos radicais e académicos ideais de sol, ar, verde, trânsito hierarquizado, zonamento de funções, libertação do solo, construção em altura...eleitos pelos modernistas.

Valeu principalmente o Vinte e Cinco de Abril que libertou a explosão popular de reivindicação de casa. Foi a força deste movimento, de revolta contra a miséria carregada do passado, que levou o governo a criar o Comissariado, primeiro conduzido pelo Arquitecto Gomes Fernandes, que propôs o seu alargamento a todo o centro histórico.

O CRUARB nasce assim como um órgão vocacionado para resolver problemas de alojamento. No princípio, aquelas pessoas nada mais havia a dizer. Legitimamente a única palavra que queriam ouvir era: « - aqui está a sua casa».

Não cabia ao CRUARB, no princípio, falar de arqueologia, de património, de cultura, de espaço público, de animação social, de turismo, nem sequer de escola! A tragédia da habitação era tal que só podia admitir resposta no terreno. Assim se soube fazer.

Apesar da pressão, apesar das condições extremas desses combates na guerra contra a

ruína, relevou-se quase sempre o bom senso, a sensibilidade estética, a responsabilidade face à história. E, hoje, podemos ver e mostrar, uma lição de autenticidade, saída das mãos de uns poucos artistas sem estrelas, quase anónimos, que, casa após casa, ano após ano, num trabalho de perícia e paciência, vão montando este espectáculo gigante da vida real do Barredo, da Fonte Taurina, da Reboleira, de Miragaia, do Monte dos Judeus, da Arménia, do Ferreira Borges, da Santana, da Bainharia, dos Mercadores, de S. Bento da Vitória...

Debaixo de condições adversas, com dificuldades sempre renovadas, só pela persistência, pelo voluntarismo e pelo amor ao sítio e à profissão, é que se pode entender o milagre da arquitectura de reabilitação do centro histórico do Porto nos vinte anos de vida do CRUARB.

E apesar de tudo isso (ou talvez até mesmo em consequência disso) temos hoje para mostrar, com orgulho, mesmo aos mais críticos e aos mais cépticos, um lote rico de exemplos de como se deve fazer, de como se deve...continuar a fazer.

Entre centenas de obras realizadas, compreendendo edifícios e espaços públicos, habitações e comércio ou equipamentos, vou apenas referir alguns que merecem a homenagem da visita e que nada desiludem a quem se dispuser a cansar as pernas num percurso que pede, se possível, uma manhã ou tarde de sol.

Quem venha do lado do mar, depois de entrar em Miragaia tem logo ali em baixo o largo da Alfândega, projecto da Arquitecta Paula Silva, que transformou um larguinho existente, delapidado pelo abandono e pelos maus tratos, num jardim com equipamentos sociais, bem metido no rochedo cortado há muito em jeito de desmonte. Encosta às Escadas das Sereias, e equilibra a sua geometria com a massa do granito partido. Neste caso como em todos os outros vale a pena procurar uma fotografia do sítio como ele era antes.

Da mesma arquitecta temos empoleirado nas Escadas do monte dos Judeus vários edifícios de um mesmo projecto com habitações e algumas lojas. É uma obra muito exposta, visível do rio, de Gaia, da marginal. Vê-se que é novo mas merece o lugar que ocupa. Rebecos amarelos e chapas onduladas castanhas são a principal nota de que vêm ao longe. Podia lá ter estado sempre. É uma obra que faz falta à paisagem urbana. Nas mesmas Escadas do Monte dos Judeus uma casinha, projecto do Arquitecto António Moura. Está tão bem que nem se dá conta de que por ali passou um arquitecto! Digo isto com plena consciência da gravidade da afirmação. Outros e exemplos confirmam a minha razão. Descendo à Rua dos Armazéns, num gaveto, há duas casinhas como nunca o «Portugal dos Pequeninos» podia ter tido, com peitoris de granito que dão pelo joelho e um conforto capaz de salvar o corpo e a alma de duas famílias desesperadas. São também projecto da Arquitecta Paula Silva. No rés do chão deu para caber um pequeno ginásio bem aproveitado e bem acabado que serve a população local, gerido pela Junta de Freguesia.

Pela rua Arménia vamos encontrar uma obra notável saída do estirador do Arquitecto Manuel Furtado de Mendonça. Num sítio soturno, local de perdição, conhecido por «cozinha real do fado», tugúrio negro, fazer nascer um conjunto de habitações exemplares e um equipamento para a terceira idade. O prédio de quatro andares com pavimentos de madeira mantém a primitiva estrutura em esforço, dando verdade a uma decoração algo estranha de pilares, vigas, cachorros e outros elementos de madeira velha.

Com passadiço sobre a rua Arménia há uma habitação integrada num projecto de três fogos e uma loja da Arquitecta Paula Silva. Casas baixas, reconstruídas por desagregação das antigas, demasiado debilitadas para aguentarem reabilitação sem nova estrutura. Neste projecto é mérito a contenção do volume face à tentação de acrescentar

mais pisos, que dariam mais casas e obra mais notada. Ganhou o respeito pela escala dos pequenos edifícios que na frente de Miragaia vemos conviver paredes meias com outros maiores ou mais ricos. É importante esta cautela para que se não perca o carácter da rua e a memória, tão consolidada, da sua imagem.

Entrados em São Nicolau, pela Reboleira, topamos logo com uma torre medieval de aparelho granítico importante com alterações seiscentistas. Aí o Arquitecto António Moura instalou um lar de idosos, salvando todo o valor da torre e acrescentando-lhe todo o cuidado que merecem essas gerações de gente consumida que assistiu a tudo isto desde muito antes do princípio.

Quase pegados, no Largo do Outeirinho, estão dois prédios com obra do mesmo arquitecto, muito empenados nas suas cantarias por efeito das sobrecargas dos anos e das difíceis fundações sobre o Muro dos Bacalhoiros. São tortos os vãos mas são como são, deixou-se ficar para se ver a verdade destas coisas.

Mais adiante há uma obra do Arquitecto Alberto Marcos. Uma casa amarela que tem dois pisos para a rua e três para o rio. Era para ser um comércio e dois para a rua e três para o rio. Era para ser um comércio e dois fogos mas foi preciso e adaptou-se já depois de pronta para sede da Fundação para o Desenvolvimento da Zona Histórica do Porto (FDZHP), entidade que congrega várias organizações da cidade vocacionados para a luta contra a pobreza. Um pátio interior cheio de luz, com uma escada metálica para a casa de cima, faz ter saudades do ambiente projectado para famílias.

Mesmo ao lado uma obra de antologia. Uma lição de reabilitação urbana para qualquer doutorado nacional ou estrangeiro. É o C.R.A.T. do Arquitecto Manuel Furtado Mendonça. Um centro (regional) de artes tradicionais, que além de um posto de venda permanente tem pisos de exposições temporárias. É um deslumbramento a vista das varandas mais altas sobre o rio. Nunca esquecer que neste prédio, como noutros, funcionava antes do CRUARB, uma albergaria, aqui chamada da Rosa Padeira, que era a subaluga de prédio, e onde nunca faltava alojamento para mulher ou rapariga que caísse na prostituição. Era uma colmeia antes da recuperação. Quem vê hoje não imagina a profundidade da desgraça.

Na Fonte Taurina todos os prédios da fachada Norte (com apenas uma excepção) estão recuperados por arquitectos do CRUARB de hoje e do passado. Além de algumas obras dos já referidos Moura e Furtado de Mendonça, há exemplos de obras dos Arquitectos António Madureira e Manuel Magalhães.

E desemboca a «Fontaurina» na Praça da Ribeira. Estamos perante um monumento. A praça tem obra do Whitehead, mas tem também em frente as casas medievais, tem os acrescentos bem visíveis e notáveis do século dezanove. Pisos acrescentados acima das cornijas com liberalismo. Tem a fachada cega e decorada com fonte e braço da casa do mercador Paulo Vallada. Estava tudo velho, pardo a cair e sem serventia e empedrado arqueado. Mãos à obra temos hoje belas esplanadas sobre o pavimento desenhado e renivelado pelo Arquitecto António Moura também autor dos projectos de algumas das fachadas. No centro, a fonte de Escultor José Rodrigues aproveitou algumas pedras encontradas numa antiga que terá existido nesse sítio, recriando um elemento novo. No miolo uma inteligente e moderna solução do Arquitecto Manuel Furtado Mendonça permite servir todas as casas com uma só escada, arejada e iluminada por um amplo poço de luz. É de referir que antes cada casa tinha a sua escada que comia a maior parte do espaço tão necessário às pessoas.

E daqui estamos no interior do Bairro do Barredo. Para cem por cento renovado só lhe falta a frente virada ao rio. Era o menos mau. O resto era o pior. Foi por aí que se começou com obras já em 77. Não cabe aqui descrever obra a obra, e de facto o que é importante é o conjunto. Sente-se o renovado. Vê-se a construção. É sólida, é boa, está

acabada, mas não se sente agressão. Há algo de natural naquela arquitectura. Ali não cabe a catalogação de popular ou erudita. Há prédios mais ricos ou mais antigos, mas sente-se que quem projectou a recuperação aceitou a responsabilidade da pré-existência mesmo com a necessidade de meter cozinha e banho e quartos habitáveis. São de destacar no Barredo pelo menos duas casas, onde vale a pena tentar entrar. A creche do Arquitecto António Moura, um ninho de bebés, e uma casa gótica, talvez a casa mais antiga do Porto ainda inteira.

Uma pequena torre recuperada pelo Arquitecto Manuel Furtado de Mendonça. Paredes de granito à vista com um aparelho belíssimo, pavimentos de madeira e uma escada que desencosta da parede para deixar ler de alto a baixo a silharia cuidada e antiquíssima. Do Barredo à Sé sobe-se os Mercadores, rua que assenta no leito da estrada romana que tinha travessia do Douro por barco entre Gaia e a boca do Rio da Vila. Daqui seguia para Braga pela Bainharia e rua do Souto.

Logo à entrada do túnel um excelente projecto do Arquitecto Alberto Marcos, incorporou o pouco que restava da ruína da fachada de uma casa. Paredes novas de granito feitas com pedras velhas, rebocos amarelos e chapas verdes proporcionam uma composição fácil de ler, onde a modernidade é explícita, mas mantém-se em atitude de respeito com o sítio que é muito marcado pela proximidade de prédios imponentes.

A subida para a Sé começa aqui. A Rua dos Mercadores é estreita e desenvolve-se em espiral contornado a encosta e prolongando-se pela Bainharia e Rua Escura até ao alto do morro da catedral. Este percurso é a coluna dorsal do bairro, com algumas ramificações importantes como a Santana, o Souto, os Pelames e umas travessas curtas de ligação à rua larga de Mouzinho da Silveira.

Na parte alta do bairro temos a Rua da Penaventosa, os Aldas e o espectacular Largo do Colégio.

No bairro da Sé todos os arquitectos do CRUARB estão representados por obras com significado, que poderemos talvez classificar como de maturidade, já que a recuperação aqui é recente, traduzindo quase exclusivamente projectos posteriores a 90.

Da Arquitecta Paula Silva há três obras.

Um prédio novo, ocupando dois lotes demolidos na Rua da Bainharia, à esquerda para quem sobe, com dois comércios e seis habitações. É novo mas já assumiu a atmosfera da rua, está assimilado. É um bom exemplo de edifício de raiz, projectado sem o «conforto» de fachadas existentes, mesmo que parciais.

Um prédio que aproveitou uma ruína no gaveto da Rua Escura com S. Sebastião, com comércio, equipamento social e duas habitações. Faz parte do século XX do centro histórico.

Em Santana uma frente de cinco prédios antigos e um buraco de ruína deram lugar a uma obra com oito habitações e um infantário. É um projecto que marca a imagem da rua e da paisagem. O tardoz está em cima da cerca velha e integra pré-existências de paredes de granito nu que testemunham a idade do bairro. É uma mancha de recuperação com tal impacto que vista do Palácio da Bolsa parece que já falta pouco à Sé para vencer a persistente degradação física.

Do arquitecto Alberto Marcos há duas obras também recentes, uma na Bainharia com os pés em Mouzinho e outra na Ponte Nova. A primeira recuperou um edifício arruinado muito estreito do lado virado à Vitória, que se alarga do lado virado à Sé. Tem para Mouzinho um ourives e para a Bainharia um gabinete local do CRUARB e quatro habitações. É uma obra cheia de habilidade, que está certa com o sítio.

A outra obra do mesmo arquitecto é um prodígio de aproveitamento do espaço. Numa casa muito pequena e só com uma frente foram produzidas minúsculas células de habitação tão necessárias para gente só que infelizmente existe muito pelo bairro. Ainda

deu um pequeno comércio no r/c e cave.

Do arquitecto António Moura há duas casas na Penaventosa e outras duas em Santana. Por dentro e por fora, de perto ou de longe, está tudo bem. Todas oferecem paisagem fabulosa sobre as silhuetas urbanas da Vitória ou sobre o rio.

Do mesmo arquitecto está ainda em curso a recuperação do Realejo, que foi um teatrinho nos Mercadores. O projecto avançou sobre o terreno anexo e, do conjunto, além do auditório sairão várias habitações. O arquitecto Manuel Furtado de Mendonça tem na Sé duas obras, ambas notáveis, apesar de muito diferentes. Na Rua dos Pelames, uma casinha pequena de chapas ferrugentas, deu lugar a um prédio que se vê muito bem empoeirado sobre o que resta do velho muro demolido Largo de S. Roque. Três habitações em seis pisos. Entra-se pelo lado dos Pelames e pode-se pedir à D. Rosinha para ver o espectáculo da altura sobre Mouzinho. Na Bainharia a dobrar para Santana o Arquitecto Furtado Mendonça assina nove parcelas tecidas por um pátio comum nas traseiras. Mais paramento de muro muito alto que é devolvido à vista do cidadão. Impressiona a altura das paredes que suportam as casas da Penaventosa no sítio da cerca velha. Um prodígio de engenharia antiga.

O projecto de arquitectura foi um autêntico quebra cabeças. Com parcelas em ruína devido a uma derrocada de dois prédios. Foi preciso trabalhar sobre um cenário mais hipotético que real e depois foi na obra que o arquitecto teve de desemaranhar o nó cego de desníveis e surpresas que fazem desta obra um momento alto da visita ao centro histórico. Só visto.

Este passeio não é tudo. Além destas obras dos quatro arquitectos que agora trabalham no CRUARB há ainda outras dos mesmos fora deste percurso, nas Fontainhas, nas Virtudes, na Rua do Sol, em S. Bento da Vitória, no Mercado Ferreira Borges, a título de exemplo, e ainda numerosas obras de outros arquitectos que têm produzido trabalhos para a Câmara, para a Fundação para o Desenvolvimento do Centro Histórico e para proprietários de prédios particulares.

Correndo o risco de referir apenas alguns, e tendo consciência de que muitos outros deveriam igualmente ser citados, vale a pena aproveitar o percurso para ver a Escola do Forno Velho do Arquitecto Jorge Teixeira de Sousa, a sede da Secção Regional do Norte da Associação dos Arquitectos Portugueses, na Rua D. Hugo, com projecto dos Arquitectos Helena Rente e Carlos Portugal, os lavadouros e balneários públicos de S. Nicolau à entrada da Rua da Reboleira, da Arquitecta Rosário Abreu, o restaurante D. Tonho, na Rua de Cima do Muro do Arquitecto Miguel Guedes de Carvalho. Felizmente a lista não acaba aqui, por isso outros passeios se justificam.

